

---

# **DIRCE KOGA:**

## **DIALOGANDO SOBRE TERRITÓRIOS DE VIDA, TERRITÓRIOS VIVIDOS, INDICADORES INTRAURBANOS E POLÍTICAS PÚBLICAS**

---

---

**NCA-SGD**

**Boletim nº 06 | Junho 2022**

**PEPGSS | PUC-SP**

---





#### **EXPEDIENTE:**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo | PUC-SP  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social | PEPGSS  
**Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Crianças e Adolescentes com  
Ênfase no Sistema de Garantia de Direitos | NCA-SGD**

**Coordenação:** Eunice Teresinha Fávero  
Rua Monte Alegre, 984 | Perdizes | São Paulo-SP | CEP 05014-901

**Site:** [www.pucsp.br/nca-sgd](http://www.pucsp.br/nca-sgd)

**E-mail:** [nucleoca2018@gmail.com](mailto:nucleoca2018@gmail.com)

**Boletim NCA-SGD | Ano 03 | Número 06 | 1º Semestre | Junho 2022**

**Editoria:** Profa. Dra. Eunice Teresinha Fávero

**Diagramação:** Prof. Ms. Adeildo Vila Nova

#### **PESQUISADORAS/ES**

**1º semestre 2022**

##### **Pesquisadoras/es discentes**

###### **Doutorandas/os:**

Prof. Ms. Adeildo Vila Nova  
Profa. Ms. Anna Valéria da Silva Andrade  
Prof. Ms. Bruno Jaar Karam  
Profa. Ms. Carla Cristina Teodoro  
Profa. Ms. Giovanna Canêo  
Profa. Ms. Gracielle Feitosa de Loiola  
Profa. Ms. Helyene Rose Cruz Silva  
Profa. Ms. Laís Oliveira Souza  
Profa. Ms. Luiza Aparecida de Barros  
Profa. Ms. Maria Cristina de Oliveira  
Profa. Ms. Mayara Martins de Souza  
Profa. Ms. Michele Borges  
Prof. Ms. Pedro Egídio Nakazone

###### **Mestrandas/os:**

Anne de Fátima Araújo Aguiar  
Carla Martins de Oliveira  
Hílkia Maria de Carvalho  
Mariana da Silva Santos  
Rafael Candeloro Campoi  
Roseane Ribeiro Erévalo  
Valdécio Carlos da Silva Jr

##### **Pesquisadoras/es associadas/os e convidadas/os:**

Profa. Dra. Abigail Aparecida de Paiva Franco  
Profa. Dra. Alberta Emília Dolores de Gois  
Prof. Dr. Alan de Loiola Alves  
Profa. Dra. Edna Ferreira  
Profa. Dra. Rita de Cássia Silva Oliveira  
Profa. Dra. Valdenia Paulino Lanfranchi  
Profa. Dra. Vanessa Rombola Machado

Profa. Ms. Alice Vettorazzo Kalil Matos  
Profa. Ms. Dilza Silvestre Galha Matias  
Profa. Ms. Marcia Cristina Campos  
Profa. Ms. Yone da Cruz Martins de Campos  
Profa. Ms. Tatiana Cetertich  
Assistente Social Bárbara Canela  
Assistente Social Priscila Monteiro

##### **GT Comunicação:**

Adeildo Vila Nova  
Carla Martins de Oliveira  
Eunice Fávero  
Laís Oliveira Souza

Luiza Aparecida de Barros  
Mariana da Silva Santos  
Rafael Candeloro Campoi

## DIRCE KOGA: a pesquisa “entre territórios de vida e territórios vivos”

### Apresentação

O Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Crianças e Adolescentes – ênfase no Sistema de Garantia de Direitos, do PPGSS/PUCSP, desde sua reativação em 2018, teve o privilégio da interlocução permanente com a assistente social, pesquisadora, docente e, antes de tudo, amiga, DIRCE KOGA. Mais concretamente, contou com seu apoio e ensinamentos na organização e na parte inicial do caminhar da pesquisa “INFÂNCIAS, JUVENTUDES, FAMÍLIAS E SISTEMA DE GARANTIA DE DIREITOS APÓS 30 ANOS DO ECA: interinstitucionalidades, intersectorialidades, trabalho social/trabalho profissional e dinâmicas socioterritoriais”.


Nesse caminhar, um dos momentos mais significativos em que esteve conosco foi quando nos ofereceu a aula “**Dialogando sobre territórios de vida, territórios vivos, indicadores intraurbanos e políticas públicas**”, em 27 de agosto de 2021, dois meses antes de seu falecimento inesperado, em 29 de outubro.

Dialogando com as/os pesquisadoras/es do NCA-SGD via plataforma Teams, em razão do distanciamento social (im)posto pela pandemia da Covid-19, o tempo todo ela marcou presença com sua sabedoria e serenidade, envolvendo o grupo na viagem e na descoberta da pesquisa, expresso aqui em uma de suas falas, quando contou sobre sua contínua aprendizagem de pesquisa: “**continuo aprendendo, é um processo que é sempre uma descoberta. Eu falo que a pesquisa é uma viagem que a gente faz em busca do objeto e depois que encontra esse objeto, continuamos viajando com ele, porque à medida em que a gente viaja com ele, vai descobrindo novas faces da paisagem do objeto, das tramas do objeto.**”


Para que esses ensinamentos não fiquem restritos aos participantes do Núcleo, escolhemos socializá-los por meio deste Boletim (com autorização da família de Dirce), de maneira a que essa viagem proporcionada por Dirce continue abrindo e/ou fortalecendo outros caminhos de pesquisa, em outros territórios de vida.

Dirce Presente!

Eunice Fávero | Coordenadora  
NCA-SGD | PEPGSS | PUC-SP  
Junho | 2022



**Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Crianças e Adolescentes:  
Ênfase no Sistema de Garantia de Direitos  
NCA-SGD | PEPGSS | PUC-SP  
Junho | 2022**



## DIALOGANDO SOBRE TERRITÓRIOS DE VIDA, TERRITÓRIOS VIVIDOS, INDICADORES INTRAURBANOS E POLÍTICAS PÚBLICAS

Encontro com Dirce Koga - professora e pesquisadora do Programa de pós-graduação em Serviço Social da PUC/SP, onde se intitulou pós-doutora na mesma área. Autora dos livros *Medidas de Cidades: entre territórios de vida e territórios vividos*, Ed. Cortez, 2ª edição, 2011 e do Livro *"São Paulo - Sentidos Territoriais e Políticas Sociais"* em coautoria com Aldaíza Sposati, Editora Senac, 2013, entre outros.

**Dirce Koga:** - É um super desafio esse tema que vocês colocaram, sobre territórios de vida, territórios vividos, indicadores intraurbanos e políticas públicas. Eu acho que aprendi a pesquisar com a Aldaíza Sposati, continuo aprendendo, é um processo que é sempre uma descoberta. Eu falo que a pesquisa é uma viagem que se faz em busca do objeto e depois que encontra esse objeto continua viajando com ele, porque à medida em que viaja com ele, vai descobrindo novas faces da paisagem do objeto, das tramas do objeto.

Falar dessas duas faces me fez pensar com vocês, na pesquisa que estão realizando<sup>1</sup>. A pesquisa envolve várias faces, que vão se configurando à medida em que nós vamos decifrando essas faces, em escalas de análise. Então, quando estamos falando dos territórios de vida, é uma escala; os territórios vividos, é uma outra escala; esses territórios intraurbanos, é uma outra escala, e as políticas públicas é uma outra escala, então são várias escalas que vamos construindo à medida que avançamos na pesquisa.

O Milton Santos, no livro *"Natureza do espaço"* (2003), tem um item que eu acho muito difícil de entender, porque ele vai fundo na dimensão filosófica, na dimensão sociológica do que ele pesquisa, mas pelo que eu entendo, Milton Santos diz que: "escala é limite e conteúdo ao mesmo tempo" e que: "ela é menos uma questão geográfica e espacial, é mais temporal", e aí ele remenda dizendo "ou melhor, a escala sempre muda conforme o tempo". Quando trabalhamos com escalas, trabalhando nessa perspectiva do Milton Santos, com movimento, com a dinâmica da realidade, e por isso que não dá para ficarmos presas/os somente a uma escala de análise, no sentido de tentar capturar o que está acontecendo em torno desse objeto que estamos pesquisando. Mesmo os territórios intraurbanos, podem ser os bairros, os setores censitários, as áreas de abrangência das políticas públicas - e esse é um outro nó, cada política pública, divide a cidade de um jeito, isso tudo dificulta entendermos a

---

<sup>1</sup> Refere à pesquisa em desenvolvimento pelo NCA-SGD: "INFÂNCIAS, JUVENTUDES, FAMÍLIAS E SISTEMA DE GARANTIA DE DIREITOS APÓS 30 ANOS DO ECA: interinstitucionalidades, intersetorialidades, trabalho social/trabalho profissional e dinâmicas socioterritoriais".

cidade na escala desse vivido, porque as políticas públicas trabalham com uma escala mais administrativa do território, e no administrativo cada um define, a seu modo, o território.

Esse é o primeiro desafio que temos e que eu acho que vocês se depararam e estão se deparando na pesquisa, que é com o território administrativo. Por conta disso - que cada política define o seu território, adota a sua divisão territorial, e o território administrativo tem uma característica que é de ser uma referência para a construção de indicadores a partir de um conjunto de informações, de bases de dados, que vamos acessando e compilando -, logo no início a primeira dificuldade é: qual referência territorial eu vou adotar?

Por conta dessa multiplicidade, então, fazer uma pesquisa com base no território, no Brasil, em qualquer cidade, sob qualquer base territorial, seja maior, menor, até chegar no setor censitário, é um desafio - eles mudam de dez em dez anos, conforme o censo, então o que está acontecendo agora é que, como não foi realizado o censo em 2020, nós estamos com a base oficial de setores censitários de 2010, mas as cidades já mudaram, aquelas cidades que mantêm um vínculo constante com o IBGE vão tendo setores atualizados, mas isso não acontece em todas as cidades, então estamos com um desconhecimento geral sobre o que está acontecendo nos territórios das cidades brasileiras. A última informação que existe é de 2010, por mais que tenhamos projeções, são apenas projeções.

Esse é um desafio muito conjuntural que estamos vivendo, e quando adicionamos ingredientes como o negacionismo, isso fica pior ainda, porque nos deparamos com muitas questões: “Não precisa ter censo. A ciência não vale nada. A ciência não conta, então para que ter censo demográfico?” Não é só por questão financeira, realmente estamos vivendo um momento de negacionismo da ciência e do conhecimento, portanto, fazer pesquisa nessas condições é muito difícil, e eu quero parabenizar vocês, porque é um ato de resistência, é um ato de coragem e desafiador.

O segundo desafio que eu percebo, considerando esse contexto, é: como é que, nesse cenário, nós vamos capturar as informações, quando temos um limite dos dados secundários que estão disponíveis?

Seja em termos de atualização, seja em termos de acesso, mesmo com o IBGE, coisas que tinham antes e não tem mais, algumas fontes oficiais [podem deixar de existir]. Estamos sob ameaça de acabarem com o Bolsa Família<sup>2</sup> e substituir por outra coisa, é bem possível que nesse movimento tenhamos sérias ameaças para o Cadastro Único, que está sendo o “último

---

<sup>2</sup> Programa extinto pelo governo federal e substituído pelo “Auxílio Brasil”, em novembro de 2021.

dos moicanos” a sobreviver ainda, como fonte de informação mais atualizada que temos, enfim.

Outro desafio é: como vamos capturar dados primários - porque essa está sendo a única via, hoje, possível, para podermos contrabalançar ou tentar nos aproximar de fato do que está acontecendo na realidade -, e o contexto também não está simples para irmos até os territórios, primeiro pela própria questão sanitária<sup>3</sup>, então, para buscar dados primários é um desafio ir a uma instituição, ir à prefeitura, ir à casa de alguém, aos órgãos governamentais ou mesmo não governamentais. Tem uma questão de protocolo que precisa ser obedecido, você não vai encontrar todas as pessoas no mesmo dia, ao mesmo tempo, então vai criando uma série de novas condições, pela crise sanitária que estamos vivendo, mesmo com as famílias, temos que tomar uma série de cuidados para encontrá-las.

Acho que também existe uma questão, que antes sempre nos preocupava: tem lugares que parece que viram atração de pesquisador, então as pessoas já não aguentavam mais responder tanta pergunta, agora mais ainda, porque tem a possibilidade de você responder virtualmente. Todos nós estamos recebendo pesquisa de todo mundo, desde supermercado, farmácia, todo mundo quer saber sua opinião, então vamos ter que concorrer com essas pesquisas que estão enchendo as pessoas de perguntas. E, no caso de trabalhadoras/es das políticas públicas, temos também um cenário muito difícil, que é o grau de sofrimento que elas/es estão passando. Vocês são trabalhadoras/es também, imaginem vocês estarem disponíveis, bem humorados, para responderem questões do trabalho, que está sendo um trabalho precarizado, difícil, não só do ponto de vista orçamentário, mas também de todo um conjunto de situações e uma ausência do cumprimento do direito do/a trabalhador/a de ter um apoio, de ter uma supervisão técnica, de ter um apoio psicossocial no seu cotidiano de trabalho, então esse cenário também vai acabar afetando os processos de pesquisa sobre os territórios. E, mais do que nunca, hoje, essas vozes das/os trabalhadoras/es das políticas públicas são fundamentais, porque eu acho que se tem alguém que sabe o que está acontecendo, é quem está lá na ponta; se não der para chegarmos na população, se conseguirmos chegar ao/a trabalhador/a, vamos chegar muito próximo do que está acontecendo, porque essas/es trabalhadoras/es não pararam na pandemia, teve revezamento, teve alguns/mas que, pela condição, ficaram afastadas/os, mas a dinâmica de trabalho não parou, com condições muito precárias, mas não parou, então esse é o desafio, eu acho que é uma fonte, hoje, fundamental.

---

<sup>3</sup> O Brasil viveu, e ainda vive, impactos advindos da pandemia do coronavírus. Processos mais intensos de isolamento social para prevenção de contágio e letalidade foram adotadas inicialmente em março/2020. Também as pesquisas sentiram o impacto dessa realidade.

E a outra fonte sempre fundamental é a própria população, quem vive no território, mas vamos precisar de uma mediação, ou de trabalhadoras/es ou de coletivos, que estão no território e atuam junto a essa população, para nos darem o termômetro de como chegar até ela.

Nós estamos realizando um trabalho de diagnóstico da criança e do adolescente de Santos - SP, ficamos parados um ano por conta da pandemia, para fazer o campo, e agora vamos para o campo e essa está sendo a discussão: “como chegar? Com quem chegar?” - e quem está fazendo essa mediação para nós é o Conselho Municipal dos Direitos de Crianças e Adolescentes - CMDCA - com os trabalhadores e trabalhadoras de políticas da saúde, da educação e da assistência social, a partir dos contatos que eles começam a ter, com uma certa regularidade agora, com a criança e o adolescente. Mas é sempre muito delicado isso, de como fazer, de como envolver os trabalhadores e trabalhadoras.

Estou dizendo isso porque eu penso que a pesquisa de vocês - como eu penso que qualquer pesquisa que coloque como ponto básico o território, uma pesquisa territorializada e com esse compromisso -, não deixa de ser um diagnóstico, na minha visão é um diagnóstico socioterritorial, essa dimensão da violação dos direitos na cidade de São Paulo, e eu acho que todo diagnóstico socioterritorial apresenta, pelo menos, três dimensões.

Primeiro essa dimensão socioterritorial, não é só um diagnóstico social, é um diagnóstico que combina campo social com o território, não dá para fazer diagnóstico socioterritorial sem a dimensão participativa que vocês vêm exercendo, todo mundo participa desse processo, todos são coautores do diagnóstico, mesmo aqueles que vão fornecer informação, não são meros informantes, eles são participantes, existe uma valorização do conhecimento que eles produzem.

E penso que outra dimensão que um diagnóstico socioterritorial possibilita é uma dimensão operativa, porque como você trabalha com um dado, com base no território e ouvindo os vários interlocutores envolvidos naquele território, naquela situação, um diagnóstico socioterritorial tem um arsenal de informações que podem dar direção para a política pública - é nesse sentido que ele tem uma dimensão operativa, ele não fica na prateleira, ele não foca na biblioteca da academia, ele pode ir para o chão, onde essas situações pesquisadas foram identificadas.

O diagnóstico não é só um produto, o diagnóstico, para ser um produto, ele tem que ser, antes de tudo, um processo. Um processo participativo, um processo coletivo, um processo dialogado, um processo de construção, pois qualquer pesquisa que façamos, a



grande ansiedade, seja de quem financia, seja de quem faz a pesquisa, é chegar no produto final, mas na verdade o produto final vai expressar esses processos que foram construídos, ele é tão importante quanto os processos que vão gerando conhecimento, que é o que vocês estão fazendo, vocês estão fazendo escuta, vocês vão sistematizar essas escutas, da mesma forma como vocês estão sistematizando as informações coletadas, tudo isso é processo, que é tão importante quanto o produto.

Nesse processo, temos, em termos de compromisso com a pesquisa e com o diagnóstico, a devolutiva a quem participou do processo, mas não precisamos esperar o produto para voltarmos a dialogar com os interlocutores, talvez um pouco o que vocês estão fazendo comigo, eu dialoguei no início, participei com alguns diálogos intermediários e estou aqui de volta. Essas são formas de devolutiva, formas de pensar junto no processo de construção, e penso que isso é importante, porque às vezes quando você devolve depois que o produto está pronto, pode ser que alguns sujeitos possam não gostar do resultado - eu já vivenciei isso, de fazermos um diagnóstico para prefeitura de Santo André, no Mapa da inclusão e exclusão, e os gestores não gostaram dos resultados, era difícil explicar para eles que os resultados não eram resultados só daquela gestão, que tínhamos resultados que eram estruturais. Eu falo que diagnóstico parece uma fotografia, sabe, de festa? Todo mundo, na hora que você entrega o diagnóstico, todo mundo quer se ver naquela fotografia, e aí se ele está mal na fita, ele vai reclamar.

Eu lembro de uns meninos, uns jovens para os quais fomos fazer a devolutiva do Mapa da inclusão e exclusão, e aí eles perguntaram: “porque é que cidade Tiradentes aparece sempre em vermelho no mapa de vocês?”. Aí fomos explicar e eles falaram: “não, mas a cidade Tiradentes que eu conheço não é assim vermelha...”, e aí eles começaram a dizer uma série de coisas que a cidade Tiradentes tem, e nós temos que falar: “então, esse é o problema de todas as pesquisas, elas não dão conta de tudo, e isso que vocês falaram, para colocarmos na pesquisa, além de vocês, teríamos que ouvir mais 95 pessoas, pelo menos, que são os outros distritos da cidade, para incluirmos, aí certamente a cidade Tiradentes não iria ficar tão vermelha como ela está, porque aí iríamos considerar outros indicadores...”.

O Milton Santos escreveu um livro junto com a Maria Laura Silveira, foi o último livro dele, que é “Território e sociedade no início do Século XXI”, foi publicado em 2001 pela editora Record, e ele vai falar que: “o território mostra diferenças de densidades quanto às coisas, aos objetos, aos homens, ao movimento das coisas dos homens, das informações, do dinheiro e quanto às ações. Tais densidades vistas como números, não são mais do que indicadores, elas revelam e escondem, ao mesmo tempo, uma situação e uma história. As densidades, que se

dão fisicamente aos nossos olhos, encobrem processos evolutivos que as explicam melhor do que as cifras com as quais são representadas” (SANTOS E SILVEIRA, 2001, p. 260).

É muito interessante isso, quando estamos trabalhando com a pesquisa, sabemos disso, nosso desafio é sempre capturar o que os indicadores revelam e ao mesmo tempo escondem, o que eles vão dizer e esconder sobre uma situação e uma história.

Eu tenho usado muito isso para ver se eu aprendo alguma coisa. Tem um rap do Sabotage que diz assim: “do ano 2000 para frente, homens do passado, pensando no futuro, vivendo no presente. Há três tipos de gente: os que imaginam o que acontece, os que não sabem o que acontece e nós que faz acontecer. O bolo e o glacê, unidos, fica em pé, dividido cai...”<sup>4</sup>.

O Sabotage nasceu com o nome de Mauro Mateus dos Santos, na zona sul de São Paulo, na favela do Canão em 1973, e ali ele viveu a infância e boa parte da adolescência. Aos 15 anos ele conheceu o pai, vulgo Julião carroceiro, que às vezes aparecia bêbado. A mãe foi doméstica, costurou e passou, fez de tudo um pouco para sustentar 3 filhos, o caçula Maurinho; Deda, que se envolveu com tráfico e morreu nos anos 1990; e Paulinho, sem saúde mental. Já adulto muda-se com os filhos e a esposa para as favelas da paz, do morro e do autódromo, todas no bairro de Interlagos, zona sul da cidade de São Paulo. Ex-interno da FEBEM, atual Fundação Casa, o rapper nunca escondeu seu envolvimento com tráfico de drogas e com o crime organizado, pelo qual foi indiciado duas vezes. Morreu aos 30 anos, de morte “matada”.

Quando pegamos essa narrativa do Sabotage..., incrível como um rapaz de 30 anos teve uma produção tão forte, tão rica, é um legado que ele deixa, mas quando eu conheci esse rap do Sabotage, eu logo lembrei de como que o Henri Lefebvre (1974) vai falar sobre os espaços e ele vai dizer que: “existe o espaço percebido, o espaço concebido e o espaço vivido”, muito próximo do que o Sabotage falou, daqueles que não sabem o que está acontecendo, não imaginam o que acontece e quem faz acontecer, que é, justamente, esse espaço do vivido, e chegarmos nessa escala do vivido hoje é uma grande discussão. No nosso grupo de pesquisa estamos com esse desafio, de construir uma pesquisa a partir dos intelectuais, sujeitos e que vivem em territórios periféricos das comunidades tradicionais e rurais, que são esses que estão participando também do grupo de pesquisa.

---

<sup>4</sup> Música *Um bom lugar*, Sabotage, 2000.

É uma situação difícil, porque nós da academia, eu penso que estamos naquilo: ou nós não sabemos ou nós não imaginamos o que acontece, mas estamos muito longe de quem faz acontecer, estou falando em academia “instituição”, mas nessa mesma academia há quem faça acontecer, são os intelectuais que estão chegando, eles não se tornam intelectuais na academia, eles já são intelectuais porque produzem conhecimentos a partir de suas vidas, dos territórios de vivência, e eles estão resistindo e estão nas universidades. Mas eles são invisibilizados por essa universidade elitista branca, que tem a sua referência do que é conhecimento científico, a partir de um lugar branco elitista ocidental, que vai dizer quem é e quem não é intelectual, e eu digo: pobre - para não falar outro nome - dessa academia que, como diz Boaventura de Sousa Santos<sup>5</sup>, desperdiça experiências e conhecimento.

Por isso que ela está doente, por isso que ela está louca - e, claro, não podia deixar de ser totalmente dominada pelo capital financeiro produtivista -, e está deixando também todo mundo doido. Isso que acontece na academia, vemos que acontece também nas políticas públicas: que também têm tradição de fazer política pública de costas para realidade e de tratar aqueles que as acessam como usuárias/os e clientes vazios de conhecimento - eles estão lá para receber um favor. Para passarmos do favor para o direito já é difícil, e do direito para reconhecê-los como produtores de conhecimento, como portadores de vivências e experiências que deveriam ser aproveitadas e não desperdiçadas pela gestão pública enquanto conhecimento, é ainda mais. Se tem alguém que sabe sobreviver na adversidade, como diz Daniel Hirata<sup>6</sup>, são justamente esses que nós chamamos de “usuário”, e que agora, de novo, com essa extinção do Bolsa Família, já está lá na nova proposta de “Bolsa Brasil”, a previsão de educação financeira.

Quem é que sabe fazer educação financeira? Não é o Guedes<sup>7</sup>, quem entende de sobreviver com nada, com o quase nada, é quem nós chamamos de “usuário” e de “cliente” e que a política pública quer ensinar o tempo todo, mas de costas para essa realidade.

Quando vamos nos aproximando do vivido, do território de vivência, é quando vamos chegar a essa escala, que eu chamo de “escala do cotidiano”, em que fica muito nítido o que é um território de gestão, que é esse território administrativo, esse território que é dividido,

---

<sup>5</sup> Sociólogo português, reconhecido em diversas partes do mundo, com trabalho de campo em vários países e inúmeras publicações nas áreas de sociologia do direito, sociologia política, epistemologia e estudos pós-coloniais, direitos humanos etc.

<sup>6</sup> Doutor em Sociologia; Professor do Departamento de Sociologia e Metodologia em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (GSO-UFF), Coordenador do Núcleo de Estudos dos Novos Illegalismos (GENI-UFF).

<sup>7</sup> Refere a Paulo Guedes, ministro da Economia no governo federal, gestão 2018-2022.

esse território de área de abrangência, que diz quem é que pode ser atendido aqui e quem não pode, é o território da “viração”.

O pessoal da zona norte, junto com quem eles chamam de “mestre Soró”, José Soró, inventou uma coisa... Inventou não, vivenciou e viralizou isso que eles chamam de “sevirologia”, que o Cleiton Fofão divulgou para nós na ATP<sup>8</sup>, que o lema deles é: “se tem, faz, se não tem faz do mesmo jeito.”<sup>9</sup> Esse é o resumo da “sevirologia”; a Vera Telles (2007) chama essa “sevirologia” - eu penso que se aproxima de “a arte do contornamento”, e ela vai dizer que:

“Não se trata tão simplesmente de sobreviver e levar a vida, trata-se, sobretudo, de contornar, é uma espécie de “arte de contornamento”, às duas ameaças muito concretas que se colocam em suas vidas, a cada momento e a cada dia: de um lado o risco da morte violenta, esse é um dado dos seus mundos de vida, sobretudo entre os mais jovens, fazer narração de suas vidas é também fazer uma espécie de contabilidade dos mortos, das pessoas próximas, dos amigos de infância, vizinhos de rua, colegas de escola, *dos meus amigos só sobrou eu mesmo, os outros estão todos mortos*. De outro lado, o risco de cair na situação de dependência da caridade de um e outros, ou então da assistência social. Quer dizer, saber sobreviver na adversidade supõe uma certa habilidade em transitar entre fronteiras, é isso que pode decidir a vida e os sentidos da vida, escapando dessa dura partida entre a morte “matada” e a desfiguração da vida, para aqueles que viram pobres de tudo e se transfiguram em público alvo dos programas sociais, ditos de inserção, que nas palavras de Chico de Oliveira<sup>10</sup>, “não são mais do que a administração da exceção” (TELLES E HIRATA, 2007, p. 188).

Vou agora trazer para vocês uma outra narrativa, de um ex-pesquisador de iniciação científica em Serviço Social da UEL<sup>11</sup>: ele participou de uma pesquisa na área da habitação, em uma ocupação chamada União da Vitória, e vai dizer o seguinte no texto que escreve a respeito: “ao ganhar força e conquistar espaço, as famílias começam a se assentar no local, porém, com uma dificuldade que foi superada através de muita luta e resistência. Inicialmente o assentamento sofria com a falta de condições básicas para uma moradia adequada, como a falta de água - que segundo alguns moradores, durava apenas três dias, até chegar novamente - e a existência de mais de 100 crianças dentro do assentamento, que viviam em condições

---

<sup>8</sup> Atividade Programada promovida pelo Núcleo Cidades e Territórios: “Construção de conhecimentos a partir da periferia: sujeitos coletivos, territorialidades e experiências”, realizada no 1o semestre de 2020.

<sup>9</sup> Sobre esse encontro, realizado online, ver: <https://www.youtube.com/watch?v=6OZ53iUysT8>. Acesso em: 01 jun. 2022.

<sup>10</sup> Sociólogo, foi professor titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), com inúmeras pesquisas e publicações analisando a realidade social e política brasileira (1933-2019).

<sup>11</sup> Universidade Estadual de Londrina/PR.

insalubres e inadequadas, estando vulneráveis às doenças, contaminações e violência. Sobre essa forma, o bairro foi crescendo e se estruturando, através da resistência dos moradores, que, em nenhum momento, deixaram a luta de lado.” (Mesa de apresentação do NECA, 2019 - Dialogando com experiências e leituras socioterritoriais do SUAS - Carola C. Arregui).<sup>12</sup>

Esse ex-pesquisador, quase assistente social, é filho de uma mãe solo, de uma cidade do Mato Grosso do Sul (MS), e que por conta de a mãe ter sido presa, alguns parentes de Curitiba foram buscá-lo no MS, o levaram para Curitiba, e o colocaram, ainda muito pequeno, numa instituição de acolhimento. Aos 18 anos, ele teve que sair de lá, os vínculos com a família já estavam rompidos e ele, das ruas de Curitiba, foi para a estrada, da estrada ele conseguiu chegar em Londrina (PR), em Londrina ele foi para a rua novamente, e quem o recebeu na rua foi o mundo do crime. Da rua de Londrina ele foi para o presídio; ele foi preso, e na prisão, como gostava muito de ler, conseguiu estudar e passar no vestibular da UEL, em Serviço Social. Ele, então, foi fazer o curso de Serviço Social, e sofreu uma série de problemas também... não é simples ele estar na UEL, porque, como me disse, quando eu o conheci, por ocasião da apresentação desse trabalho, na UEL, ele estava muito nervoso, e eu disse: “não fica nervoso, você é o pesquisador, ninguém conhece mais essa realidade do que você...”, mas eu não sabia ainda dessa história.

Depois eu fiquei pensando, “como é que esse menino, que praticamente nunca teve uma casa, conseguiu falar dessa ocupação, das crianças, das famílias, da luta, da resistência? Aí ele olhou para mim e disse: ‘eu sei que eu sei, mas isso aqui (apontando para a tornozeleira eletrônica), é muito difícil!’, e aí eu comecei a entender!”

Por conta da frequência dele no curso, por conta das leituras, ele foi abatendo os dias da pena e conseguiu a liberdade condicional, que durou não mais do que um mês, ele fugiu. Foi para Foz do Iguaçu (PR). Depois fiquei sabendo que hoje ele voltou para a prisão. Nós o perdemos, como perdemos o Sabotage, perdemos aqui um brilhante pesquisador e um futuro assistente social - o quanto esse menino poderia contribuir com o Serviço Social? O quanto esse menino poderia contribuir para as políticas públicas com essa trajetória?

Quando o Milton Santos (autor já citado) fala que “as cifras escondem histórias”, quando as trajetórias escondem vidas, penso que seja isso, as nossas pesquisas precisam, tanto quanto os franceses falam que tem diferença entre território de sangue quente e

---

<sup>12</sup> Ver: <https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/Mesa-3-Apresenta%C3%A7%C3%A3o-Carola.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

território de sangue frio, acredito que tem pesquisas de sangue quente e pesquisas de sangue frio, e nós precisamos ter pesquisas de sangue quente.

Tem uma antropóloga indiana chamada Veena Daas, a editora da Unifesp, publicou um livro dela, chamado “Vida e Palavras” (2020), todos os textos dela são baseados na pesquisa longitudinal que ela realizou na Índia com mulheres vítimas de violência - tem um trecho que ela fala “as palavras e o ordinário”: “as palavras, quando conduzem nossas vidas para fora do ordinário, tornam-se esvaziadas de experiência, perdem o contato com a vida; a suspensão em relação ao ordinário parece, para mim, estar enraizada no fato de que os relacionamentos requerem uma repetida tensão ao mais ordinário dos objetos e eventos, porém, nosso impulso teórico, muitas vezes é o de pensar a ação de escapar ao ordinário e não de descer a ele.” O desafio da pesquisa é conseguirmos descer no mundo do ordinário - isso significa que, ao invés de fazermos pesquisa sobre alguma coisa, temos a chance de fazer pesquisa a partir disso que estamos querendo descobrir.

Eu queria terminar deixando dois... - eu chamo de alertas...-: um alerta que é do Gabriel Feltran, que é uma grande referência para nós, em termos de pesquisa e a utilização de etnografia. Ele é um pesquisador que tem um rigor metodológico muito grande e que não deixa de perder esse “descer ao ordinário”. Ele vai dizer, num texto chamado “A gestão da morte nas periferias de São Paulo” que: “importa levar em conta os saberes que se constroem no plano das práticas, nos interstícios dos recursos oficiais, ou seja, aqueles que, sendo levados em conta, se rotinizam como resistência nas secretarias de governo e suas consultorias, no dia-a-dia das cadeias e unidades de internação, nos cotidianos das favelas e periferias, pois são esses os saberes que, em choque com a normatividade oficial, constroem as matrizes de justificação da experiência vivida.” (2014, p. 184).

E um outro, do Daniel Hirata. Na tese dele, que se chama “Sobreviver na adversidade”, ele vai dizer que: “os mapas e as trajetórias de vida, assim como todas as intervenções que são elaboradas a partir de sua construção, são fatores constitutivos do crime, e oferecem enquadramento, a partir do qual, esse pode ser pensado na prática governamental. Essa posição encaminha algumas ocorrências na prática da pesquisa de campo, é impossível pensar criminosos dissociados da política, no mercado extralegal sem os fiscais que o controlam, a organização de práticas extrajudiciais sem a incidência do aparelho judiciário, e assim por diante. É exatamente a partir dessa legibilidade das formas de controle que são estruturadas as formas que escapam a ela, sendo assim, importante estar atento ao caráter relacional de ambas na constituição dos fatos, eventos, situações, arranjos, acordos que são produzidos nessa interação” (2010, p. 93).

Eu vou terminar com uma narrativa da Conceição Evaristo<sup>13</sup> e com uma narrativa da Veena Das, porque eu penso que no percurso da pesquisa vamos lidar com indicadores, com dados, com informações, com depoimentos, e tem alguns depoimentos, algumas pessoas, sujeitos, sujeitas da pesquisa, que mais do que depoimentos, elas são portadoras de um testemunho de vida, sabe aquela escala do vivido do Henri Lefebvre (1974), a escala do Sabotage, de quem faz acontecer? A Conceição Evaristo, acho que foi na introdução do livro dela “Olhos D’água” (2016), vai dizer o seguinte: “a mulher negra tem muitas formas de estar no mundo, todos têm, mas um contexto desfavorável, um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem história de dor. Quem não vê?”. A Veena Das (2020) vai falar - parece que ela está falando com a Conceição Evaristo -: “o que é testemunhar o crime inerente à regra social, que consigna a singularidade do ser ao esquecimento eterno, mediante uma descida à vida cotidiana, não simplesmente articular a perda sobre um gesto dramático de desafio, mas habitar o mundo, ou habitá-lo novamente num gesto de luto? É nesse contexto que se pode identificar o olho, não como um órgão que vê, mas o órgão que chora.”

Obrigada.

**Eunice Fávero:** - Dirce, nós é que agradecemos muitíssimo. Ficáramos aqui mais duas ou três horas lhe ouvindo, o quanto que você traz questões tão fundamentais para pensarmos a pesquisa, para pensarmos o cotidiano e refletirmos também sobre o quanto por vezes estamos distantes da realidade vivida pela população.

Você citou uma pesquisa que estão realizando em Santos, refletindo sobre como chegar a campo, principalmente nesse tempo em que vivemos<sup>14</sup>. Esse está sendo o nosso maior drama, estamos “patinando” nesse quantitativo, porque não localizamos as informações, ou quando as encontramos, elas não são confiáveis ou já estão defasadas. Então, nesse período da pandemia, trabalhamos nisso com muita dificuldade. Agora estamos pensando sobre como vamos a campo, conhecer de fato o que está acontecendo, conhecer a realidade da população - esse é o nosso grande desafio a partir de agora: ouvir os sujeitos. Quando você falou de pesquisadoras/es e de alunas/os, fiquei refletindo sobre o quanto que

---

<sup>13</sup> Conceição Evaristo é poeta, contista, romancista, teórica de estudos literários e afro-brasileiros, retrata como poucas/os o cotidiano, denunciando opressões e explorações raciais e de gênero.

<sup>14</sup> Referência ao contexto pandêmico, pela questão da contaminação massiva do vírus COVID 19, em que medidas sanitárias de isolamento e de distanciamento social foram impostas no país a partir de março de 2020, e escancarou as desigualdades advindas da superexploração do trabalho e precarização da vida, próprios do sistema capitalista vigente.

também não conhecemos muitos de nossas/os alunas/os, suas histórias e suas vidas. E, nesse tempo de pandemia, ficamos mais distante ainda das histórias de cada um e de cada uma, principalmente no caso de alunas/os que estão na linha de frente, trabalhando nesse período da pandemia, o quanto teve de sofrimento, e ao mesmo tempo estarem na academia - tendo que dar conta de ser profissional da intervenção e dar conta de escrever uma tese/uma dissertação. Nesse sentido, como que nós, como docentes, lidamos com isso? Você traz inúmeras questões que nos fazem refletir, nos fazem pensar e nos autocriticar: como estamos conduzindo nosso trabalho, nossa relação com a população, com nossas/os alunas/os, enfim...

**COMENTÁRIOS DE LUIZA BARROS E MAYARA SOUZA, DISCENTES, SOBRE TEXTOS E APRESENTAÇÃO DA PROFA. DIRCE KOGA:**

**Luiza Barros:** Professora Dirce, muito obrigada pelas suas contribuições! Para situar um pouquinho sobre como pensamos os comentários: a professora Eunice indicou dois dos seus textos e nos organizamos para problematizar, a partir deles.

Eu fiquei com o seu texto de 2014, que é da publicação da coletânea da *Lúmen Juris*, “Diagnósticos Socioterritoriais: conhecimento de dinâmicas e sentido dos lugares de intervenção”<sup>15</sup>. Tudo isso que você contribuiu conosco, hoje, é de uma riqueza..., quando você nos traz essa dimensão da escala do cotidiano, você vai trazendo tanto essa dimensão do que é esse lugar da academia e da produção teórica, desse lugar mais reconhecido ocidentalmente, e vai intercalando, a partir do conhecimento do sujeito periférico, da riqueza que é isso, e quanto essa invisibilidade se dá. Eu fiquei emocionada várias vezes.

Essa é a primeira coisa desse texto de 2014, que é a produção do conhecimento, quando você vai trazer, do debate e do diagnóstico socioterritorial, essa dimensão que o Milton Santos ensina, do que é a escala, entre o limite e conteúdo, e como que esse limite e conteúdo podem ser traduzidos realmente em pesquisa, não só naquilo que você afirma, do produto, daquilo que vai aparecer na fotografia, que todo mundo quer aparecer junto, mas daquilo que é o processo, dessa processualidade. E aí, algumas questões importantes que aparecem no texto “Diagnósticos Socioterritoriais: conhecimento de dinâmicas e sentido dos lugares de intervenção.” Nesse texto você traz, tanto o Feltran, a Maricato, o Milton Santos, e

---

<sup>15</sup> Publicado no livro: *Serviço Social e Temas Sociojurídicos: debates e experiências* (Ed. *Lúmen Juris*, 2014). Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0064248046f5f6115b6e3> Acesso em: 12 jun. 2022.



o quanto é importante essa construção do conhecimento. Quando você traz a construção do conhecimento, a pesquisa que é dada na sensibilidade do cotidiano, essa sensibilidade do cotidiano aparece nos textos, na sua fala, e nos instiga, enquanto pesquisadores e pesquisadoras que tentamos ser, dentro desse universo.

Então, tanto a dimensão de Milton Santos, dessa escala do cotidiano, que não pode ser estanque da movimentação da realidade, e o quanto nós, assistentes sociais, às vezes esquecemos do que é o projeto profissional e da nossa formação, e nos limitamos somente aos instrumentos técnicos, quando é projeto e a formação que deveriam nos pautar, seja na atuação profissional, seja na pesquisa. Essa indissociabilidade entre ensino e pesquisa - e como também o debate da instrumentalidade aparece no seu texto, mesmo que não dito dessa forma -, da dimensão filosófica, da dimensão operativa, da dimensão ético-política que está o tempo todo implicada nessa produção de conhecimento.

Perceber o cotidiano, perceber essa escala, perceber esse movimento da realidade, da construção do conhecimento a partir da realidade vivida naquele território, é essa dimensão que você traz para nós no texto e hoje aqui, com uma riqueza incrível. Uma questão que eu e Mayara discutimos, e que consideramos importante trazer, é quantas vezes, no limite desse lugar em que se vive, nesse lugar em que estamos, com esse elemento do negacionismo, penso que o conhecimento, a ciência, a produção da pesquisa não tem lugar, em termos de governo, o quanto também às vezes se limita a usar dessa política pública sem olhar do ponto de vista crítico, o quanto esquecemos da orientação, das possibilidades que temos na formação profissional, de mantermos essa crítica o tempo todo, para pensarmos, seja os instrumentais, seja a própria política pública, que é fruto dessa racionalidade neoliberal, que diz que temos que produzir, temos que ter números, que sem essa perspectiva a universidade não serve pra nada, que é bem o limite em que nós estamos, é o que você traz aqui.

A questão da “sevirologia”, tão incrivelmente trazida na ATP do ano passado, que a Vera Telles traz nesse texto, inclusive, sobre a arte do contornamento, que você trouxe para nós, me fez lembrar do que o Eduardo Galeano<sup>16</sup> diz, no livro “As veias abertas da América Latina”: “Deusa está aí”, discutimos esse texto no NEAM<sup>17</sup>, o Galeano traz para nós o que vem a ser - ele escreveu esse texto “As veias abertas da América Latina”, em 1971, lá atrás -, ele vai trazer essa reflexão da arte do contornamento, trazida pela Vera Teles [na exposição do texto da professora Dirce de 2014] e discutida na ATP, que é a “sevirologia”: “é uma arte de sobrevivência, característica dos povos latino-americanos, em relação à forma como o

---

<sup>16</sup> Escritor e jornalista uruguaio, autor de mais de 30 livros (1940-2015).

<sup>17</sup> Núcleo de Estudos e Pesquisas em Aprofundamento Marxista - PUC-SP

capitalismo se estrutura nesses países, atravessada por esse racismo que os alimenta...” (KOGA, 2014). Vou ler um trecho que tem a ver com isso: “[...] as cidades vão inchando, até que explodem, em 1950, a América Latina tinha 6 cidades com mais de um milhão de habitantes. Em 1980, terá 25. As populosas legiões de trabalhadores que o campo expulsa, compartilham, às margens dos grandes centros urbanos, da mesma sorte que o sistema reserva aos jovens cidadãos que estão sobrando. Aperfeiçoa-se a manhã latino-americana às formas de sobrevivência do virador...” (GALEANO, 2019, p. 391).

Eu fiquei pensando o quanto isso é uma estratégia de ser latino-americano, e no Brasil muito mais forte. Acho que são esses elementos desse texto, que são incríveis e que dão substância a um dos itens, o que você denomina de “uma via de mão única, da intenção para o chão”. Então, você vai fazendo toda essa construção, de como os dados escondem essa realidade, como uma escala do cotidiano é imprescindível e como nós temos que ter elementos, para além das nossas áreas de saber, e construir essas possibilidades, para que então, esses sujeitos, que são invisibilizados, mesmo quando entram na universidade, possam ter vez e voz em todas as nossas pesquisas.

**Mayara Martins:** É sempre uma alegria e um bálsamo ouvir a professora Dirce. Eu, como orientanda dela, é um grande privilégio. Nesses espaços, como ela começa a falar, nesses espaços de tantas disputas, da intelectualidade branca, eurocêntrica, a professora Dirce tira desse lugar, ela chama a atenção para que esse não seja o lugar, e isso tem sido muito importante para o desenvolvimento da minha pesquisa.

O texto que eu fiquei responsável para comentar é do caderno “IHU ideias”, de 2016, “Diagnóstico Socioterritorial: entre o chão e a gestão.”<sup>18</sup> É um daqueles textos que vamos querendo fichar tudo, vamos escrevendo tudo, e fui escrevendo no meu caderninho e disse: “não, não posso querer trazer tudo, é impossível...”, aí eu peguei o marca texto e fui marcando o que era importante, e no final era tudo importante e tudo eu queria dividir com vocês, mas não temos tempo para isso.

Dialogando muito com as reflexões da Luiza Barros, sobre o território ser essa porta de entrada e essa porta de chegada, esse lugar de chegada, a professora Dirce coloca isso de um jeito muito gostoso de fazer a leitura, e nesse texto ela traz essa reflexão a partir da gestão da Política de Assistência Social. Foi muito interessante para eu fazer essa leitura, hoje, já fora do

---

<sup>18</sup> Publicado no Caderno HUIdeias, nº 243, Unisinos, RS; Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/243cadernosihuideias.pdf> Acesso em: 01 jun. 2022.

espaço da gestão, porque me serviu também como autocrítica. Do período em que compus a gerência da proteção especial da assistência social, e da gestão executiva da assistência social do estado da Paraíba, e o quanto, naquele momento, entre 2011 e 2012, não havia também essa maturidade de olhar para esse território, para aqueles 223 municípios do estado da Paraíba. A professora chama muito a atenção para esse diagnóstico socioterritorial, como uma forma de decifrar esses descompassos, uma oportunidade de decifrar os descompassos entre o que é o planejamento das políticas públicas e as demandas concretas existentes no território, olhar para esse território, saindo da naturalização, de uma apartação; ela fala sobre essa apartação que existe entre os gabinetes, entre a formulação das políticas públicas e as realidades dos territórios - a partir desse território vivido e das/os protagonistas desses espaços, as/os quais precisamos cada vez mais ouvir, respeitar, estar mais perto.

O texto foi escrito em 2016, a professora já apontava que a democracia estava desmoronando, e eu fico pensando como seria esse texto escrito hoje, professora Dirce. Em 2016 vivíamos o impeachment da presidenta Dilma Rousseff<sup>19</sup>, e hoje vivemos toda essa desconstrução das coisas que se construiu nas últimas décadas, de toda uma luta para que a política de assistência social se afirmasse como política pública, reconhecesse a territorialização, enquanto aspecto central para sua formulação e execução.

A professora traz a reflexão do diagnóstico socioterritorial e do desafio que é, para os trabalhadores, os técnicos, os gestores, romperem com a dimensão burocrática e tecnicista, para que o diagnóstico socioterritorial seja um instrumento, um produto que se atente ao processo, ao entendimento do que é esse processo, que rompa com a questão da meritocracia que ainda existe nas políticas sociais. Ela traz o Milton Santos - quando diz sobre o desafio para os profissionais do Sistema Único de Assistência Social - SUAS, que é de se manter, sem perder as raízes da criatividade.

O que significa não perder as raízes da criatividade, diante de um produto que é tão necessário à gestão? Ela cita Milton Santos no texto e fez essa reflexão em sua fala, sobre o chão contra o cifrão, o dinheiro puro se colocar como protagonista na gestão das políticas públicas, para que gerem outros dinheiros, outros recursos, sem atender, necessariamente, o que a população e o que aquele território vivido exige para atender as suas realidades.

Ela fala da importância de compreendermos as complexidades do território, das vivências da população, e apontando, também, para os desencontros cartográficos, no sentido

---

<sup>19</sup> Dilma Vana Rousseff, economista, vinculada ao Partido dos Trabalhadores, foi a primeira eleita Presidenta do Brasil, em 2011, e afastada em 2016, por meio de golpe civil-parlamentar.

de que cada uma das políticas públicas desenha as suas áreas, cada uma delimita os seus espaços de atuação, o que dificulta a intersectorialidade, e que o que era para ser uma variável de inclusão, pode se tornar uma variável de exclusão para aquela população, para aquele cidadão e cidadã que precisa ir se adequando para acessar a política pública - ela faz essa denúncia também.

Com relação ao diagnóstico socioterritorial enquanto instrumento para aprimoramento dos SUAS (Sistema Único de Assistência Social), a partir da vigilância socioassistencial, ela chama atenção de que teve o Primeiro Plano Decenal da Política de Assistência Social (2005-2015)<sup>20</sup>, destacando que foi possível consolidar, alcançar o objetivo de instituir a política de assistência social nos 5.570 municípios brasileiros, e que agora o grande desafio é que essa política pública aconteça a partir da demanda social, socioterritorial, que atenda, de fato, essas demandas. E aí ela chama atenção para que o diagnóstico socioterritorial seja o chão de produção desse plano, de construção do Segundo Plano Decenal (2016-2026)<sup>21</sup>, e que ele seja feito a partir das/os trabalhadoras/es, a partir das/os profissionais da gestão, das pessoas que estão vivendo naquele chão, que são contadores de história e de testemunhos, como ela traz aqui para nós agora, e que precisamos ter muito cuidado para não cair na história dos planos encomendados, dos planos que já estão pré-estabelecidos, diagnósticos pré-estabelecidos por instituições, por consultorias que estão aí produzindo esses planos, e que têm a sua importância, mas que não podem retirar o protagonismo das/os trabalhadoras/es. E aí dialoga com a questão que a Luiza trouxe, da instrumentalidade, da necessidade de refletirmos sobre esses instrumentos e sobre a instrumentalidade profissional.

Já que ela trouxe Conceição Evaristo, eu acabei localizando o livro: “Querem nos calar”, organizado por Mel Duarte (2019), ele é composto por escritoras negras, tem uma delas, que é a Cristal Rocha, que escreve “Para Conceição” - a Conceição Evaristo fez o prefácio de livro -, e a ela se refere:

“Quantas das nossas vozes, mulheres, calaram?

A dor e a repressão, em quantos peitos moraram?

Quanto de nossos filhos já nos tiraram?

---

<sup>20</sup> Ver: Plano Decenal SUAS 10, 2007. Disponível em: <https://www.mpes.mp.br/Arquivos/Anexos/769f0bcc-1b16-4862-bcce-f80d6543ebf7.pdf> Acesso em: 12 jun. 2022.

<sup>21</sup> Ver: II Plano Decenal de Assistência Social. CNAS, 2016. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/CNAS/Plano%20Decenal%202016-2026.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/CNAS/Plano%20Decenal%202016-2026.pdf) Acesso em: 12 jun. 2022.

E quantas de nossas vidas apagaram?

Nossa pele preta, escrita, deu vida à nossa arte, as chibatadas ainda ardem, nossa inspiração nasce, aprendi com Conceição, que somos-negros estrelas, juntos, uma constelação.

Valorizei minhas vivências e escrevi poemas de recordação, de tudo aquilo que transbordava e não cabia mais em meu coração.

De geração em geração, levo comigo a escrita, às vezes cruel, e vivida, de quem teve que voar, pois já não tinha mais chão, é nossa arte escura tomando conta dessa estrutura, não queremos mais censura, meu ventre exala literatura, sou fêmea fênix, me recompondo depois de queimaduras, minha armadura é tudo aquilo que seu dinheiro não pode comprar, então vem me atacar!

Eu já cansei de te ver nos matar.

Nós eu peço pra Nossa Senhora desatar, eu sei que cê não quer me ouvir, boy, mas eu tenho muita história para contar, da velha à menina, segredos de sobrevivência e bendito sangue de nosso ventre, eu levo com a minha essência.

Eu quero 'todos os olhos em nóiz', tô no pique Emicida, não estamos mais sós, minha força vem de mina, eu luto com minha voz, tão potente quanto a de Djamilá, papel e caneta são os meus heróis, já nasci dependente lírica, amor pelo meu corpo-noite que já temeu a dor do açoite.

A nossa força vem de longe, minha glória não foi sorte, jã, a história que eu carrego está nos calos de minhas mãos, eu já recebi muitos nãos, aprendi a ser redenção.

Hoje quero ser vida inteira. E transbordar em versos como fez Conceição.”

**Eunice Fávero:** - Obrigada, Mayara, muito bonito! Vamos abrir a fala para quem quiser se manifestar. Antes só queria dizer: que bom que a Luiza trouxe “As veias abertas da América Latina”. Não sei se todos os mais jovens conhecem, mas, na minha época de estudante, na graduação, era meio que leitura obrigatória, extra faculdade, e vale a pena, acho que é fundamental conhecer essa história contada pelo Eduardo Galeano sobre a verdadeira história da América Latina.

**Vanessa Rombola Machado:** Dirce, o que eu vou falar de você? Você já sabe, eu tive o prazer de tê-la como orientadora, e dizer que foram muito ricos esses quatro anos em que eu estive

com você, justamente por essa questão do território, justamente por essa questão do olhar para o chão, que era uma coisa que, eu, Vanessa, profissional, que já tive lá na ponta, lá na base, nesse tempo na PUC, eu fazendo uma análise da minha trajetória, era uma análise de que eu não olhava para o chão, e foi a partir das suas disciplinas, do seu diálogo, que eu despertei para essa importância, para a necessidade do olhar para o chão, do olhar para o território, e de pensar as políticas públicas a partir do território, a partir daqueles que o vivenciam. Você sabe o quanto isso me instigou, aqui na Universidade Estadual de Maringá (UEM) criamos uma disciplina sobre território, porque sentimos, na revisão do projeto pedagógico, justamente a falta disso, os profissionais não saem com esse olhar.

Eu queria fazer coro nas questões que a Mayara trouxe, principalmente, de como vemos na prática, quando vamos para os municípios - e eu sempre falo dos municípios pequenos, porque é a minha realidade aqui, no Paraná, o quanto as políticas públicas são pensadas distanciadas da realidade daquelas pessoas que as utilizam, o quanto os gestores não conhecem a realidade, não conhecem o território daquelas pessoas que são seu público. Em uma análise que faço, trazendo alguns pontos que a Mayara trouxe, primeiro a questão do SUAS, vigilância socioassistencial ou socioterritorial, os municípios acham que é um bicho de sete cabeças, os profissionais não conseguem lidar com dados, os dados prontos, a análise dos dados que estão no IGD-SUAS (Índice de Gestão Descentralizada do Sistema Único de Assistência Social), o próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), não conseguem pegar esses dados e transformá-los como aliados, isso é um ponto.

Outro ponto também é a questão de diagnósticos encomendados - falo aqui da região do Paraná -, o que está acontecendo muito, por exemplo, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) está ganhando as licitações dos municípios pequenos, contrata pessoas numa condição de mão de obra muito precária, numa condição de relação de emprego muito precária, e as colocam para fazer esses diagnósticos, seja o diagnóstico dos direitos da criança e do adolescente, seja o fluxo de protocolo de atendimento à criança vítima de violência. Pessoas que não conhecem, e é uma lógica tão louca, por exemplo, uma situação que vivenciamos aqui, de municípios que fizeram fluxo e protocolo de diagnóstico da situação de violência da criança e do adolescente em três dias, de oito horas. Você não faz isso em três dias de oito horas!

O que estamos avaliando nas conferências - eu e os outros/os colegas que estamos rodando aqui nos 50 municípios -, é que os planos decenais, de 2005-2015 e de 2016-2026, foram instrumentos realizados de uma forma burocrática e estão nas gavetas. Eu tenho perguntado em todas as conferências: “cadê o plano?”, “e aí, Conselho, vocês têm discutido o

plano decenal? Vocês têm feito a avaliação desse plano decenal?” e, dos 12 municípios que eu já visitei, tanto o gestor de assistência social, quanto os presidentes dos Conselhos de Assistência Social, não sabem nem onde estão os planos. Isso para dizer que não vamos ter uma política pública efetiva, se continuarmos fazendo esses instrumentos de uma forma burocrática e se não dermos voz - e eu lembro muito da minha defesa de doutorado, a profa. Maria Lúcia Martinelli falou isso e eu levo para minha vida, que não é só dar voz, é dar a escuta, porque a voz as pessoas têm, mas nós muitas vezes não queremos escutar. E sua fala traz muito isso, nós precisamos dar a escuta para aquele território, para aquelas pessoas que estão lá e pensarmos a partir dele. Entendo que esse é o grande “boom” que nós precisamos para que as políticas públicas consigam realmente avançar, e eu acho que a sua fala, as suas produções e a sua militância nesse sentido são fundamentais para que consigamos olhar para o território.

**Mensagem de Michele Borges** [no chat]: Fiquei muito emocionada e contemplada pela fala [da professora Dirce], vencer esse olhar “superior intelectual” da universidade é um dos grandes desafios que as pessoas da periferia enfrentam quando “ousam” dividir com eles esse espaço. Muito obrigada por dividir conosco tanto saber.

**Daniel Thadeu:** Queria primeiro agradecer a professora Dirce, dizer que é muito gostoso te ouvir, compartilho com a Luiza também, da fala da Mayara, do sotaque, da forma poética que tanto a Mayara quanto a professora Dirce vão trazendo os conteúdos, de fato é um acalanto para a gente.

Eu fui ficando muito provocado com a fala de todas vocês, e quando a professora Dirce ia dizendo, fui lembrando bastante do Mano Brown, da “Fórmula Mágica da Paz”<sup>22</sup>, em que ele começa dizendo: “por que essa porra é um campo minado? Ah é! Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui, mas aí, minha área é tudo que eu tenho, eu não consigo sair, minha vida é aqui, É bem mais fácil fugir, mas eu não vou, não vou trair quem eu fui, quem eu sou...”. E aí ele vai dizendo o quanto que os ensinamentos da favela são o que ele tem de mais precioso, ele vai construindo toda a narrativa da música dizendo de toda a experiência de vida no território... eu podia passar a manhã inteira citando o Brown, como eu acho que vou fazer na minha dissertação, que é um dos objetos que estudarei. Acho que em vários momentos das

---

<sup>22</sup> Mano Brown é rapper e compositor brasileiro. A música citada está disponível em: <https://youtu.be/9nUHK06-bX4>. Acesso em: 01 jun. 2022.

obras dos Racionais<sup>23</sup> e em outros grupos também, vão trazendo um tanto desse distanciamento, seja das universidades, seja dos institutos de pesquisa, com a vida dos sujeitos de fato.

E lembrei também do “Homem na estrada”<sup>24</sup> quando ele fala: “um pedaço do inferno, é aqui onde eu estou, até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou, numerou os barracos, fez uma pá de pergunta, logo depois esqueceram, filhos da puta...”. E aí, ouvindo a professora Dirce e recordando desse trecho do “Homem na estrada”, eu lembrei de quando eu entrei na universidade, eu tinha uma dificuldade muito grande com a pesquisa, porque eu sempre falava: “mano, pesquisa é essa parada que branco vem, vem aqui, faz uma porrada de pergunta, nos utiliza de ratinhos de laboratório e depois some, então não quero fazer pesquisa, não quero ser igual essa galera que eu critico tanto...”, e eu lembro das aulas, principalmente da professora Sandra Paulino, lá da Faculdade Paulista de Serviço Social (FAPSS), ela ia me cutucando e dizendo: “Então, mas se essa é a perspectiva de pesquisa hegemônica, então a gente precisa ocupar esse espaço e trazer a nossa forma de fazer pesquisa, e qual é a forma de pesquisa que você quer fazer? O que você quer dizer? Quem você quer trazer? Quais são as vozes que você quer equalizar?”. Aí eu fui ficando muito sensibilizado com isso, então acabei entrando em vários núcleos de pesquisa, acabei fundando vários coletivos de pesquisa, enfim, agora já me considero um pesquisador, e distante dessa perspectiva mais colonizadora, que utiliza os outros como objetos.

Eu fui pensando também nas minhas experiências profissionais, atualmente eu trabalho num Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas (CAPS-AD), na região de Paraisópolis – capital/SP, mas já trabalhei na assistência social, eu trabalhava no Serviço de Assistência Social a Família – SASF, na cidade de São Paulo, e eu fui lembrando muito da nossa dificuldade de poder discutir com outras políticas o atendimento das/os usuárias/os. Então o SASF, que é um serviço da assistência social - se diz que ele é um braço do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), é um serviço específico de São Paulo, desses serviços que São Paulo cria, São Paulo criou da cartola. Ele tem uma potência muito grande, eu trabalhava principalmente com os usuários do Bolsa Família e do Benefício de Prestação Continuada (BPC), e o nosso objetivo maior são as visitas domiciliares para, de fato, ir acompanhando e tentando diminuir os bloqueios, as suspensões, dentro do programa, e conseguir efetivar alguns direitos.

---

<sup>23</sup> Racionais MC's: Grupo musical brasileiro de rap.

<sup>24</sup> Do álbum “Raio X do Brasil” (do grupo Racionais MC's), “Homem na Estrada” está disponível em: <https://youtu.be/SkHS9r1haXE>. Acesso em: 01 jun. 2022.



Só que a gente atendia algumas favelas que a área da saúde não atendia, e aí marcávamos reuniões de rede para podermos discutir isso: “por que nós atendemos e vocês não?”, e eles diziam: “ah, temos uma normativa da segurança do trabalho que diz que não podemos ir porque é uma área de risco...”. E as pessoas que diziam isso para nós eram as Agentes Comunitárias de Saúde (ACS), que moravam no território, ou seja, podiam morar ali, mas não podiam, enquanto profissionais, ir até lá, visitar os vizinhos para fazer os cadastros e marcar as consultas, porque a segurança do trabalho dizia que era uma área de risco. Então tinha essa contradição, de que o/a trabalhador/a pode morar no território de risco, mas ele não pode atender esse território, e de as políticas atenderem de forma diferente - o SASF, da Política de Assistência Social, atendia e a área da Saúde não.

Agora, no Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS), uma coisa que eu percebo muito é o não preenchimento dos formulários e dos instrumentais que vão possibilitando os socio diagnósticos, como tipo de moradia, saneamento, e principalmente o quesito raça/cor, que são as minhas brigas principais, porque estão todos em branco, nunca são preenchidos, e aí isso vai criando uma dificuldade muito grande em colher esses dados e produzir as pesquisas e os socio diagnósticos. Penso que isso acontece por alguns motivos, vai desde a precarização, os cortes nos Recursos Humanos, uma demanda gigante de trabalho, então, alguns profissionais bem-intencionados, querendo dedicar mais tempo para a/o usuária/o, acabam ignorando os instrumentais, e tem aqueles que, para além das boas ou más intenções, de fato não entendem a importância desses dados (...). No quesito raça/cor não entendem a importância e têm dificuldade de como fazer a pergunta sobre como as pessoas se identificam, e aí a professora Kajali Vitório, da Faculdade Paulista de Serviço Social – FAPSS, tem uma pesquisa sobre a importância do quesito raça/cor e do preenchimento dos formulários, seja na discussão da identidade étnico/racial das pessoas, mas também para produção de pesquisa.

**Juliana Silva:** Eu queria agradecer, foi muito bom, eu sempre me emociono muito ouvindo a professora Dirce falar (...). Eu achei bem interessante, a professora Dirce citou o Sabotage, é muito o máximo! Isso vai me trazendo várias lembranças, várias recordações, enfim.

O que eu queria colocar é que a fala da professora Dirce, relacionada até com o que discutimos no Núcleo de Estudos e pesquisa “Cidade e Territórios” sobre a questão da ciência: a favor de quem está a ciência? As pesquisas nos territórios e como isso é organizado, eu entendo que é um ponto bem importante mesmo, essa questão do levantamento de indicadores.

Eu, como profissional, tenho uma dificuldade muito grande com os indicadores (...), não sei se é uma questão da profissão, se é uma questão minha, mas é algo que tento sempre lutar contra, de sempre buscar trabalhar com os dados, e essa questão do território, porque não podemos pensar uma política ou um trabalho profissional, desvinculado das pessoas, do lugar dessas pessoas, do “por que” e “para quem”. Eu considero que a fala remete muito a isso, qual é a importância desses dados, desses indicadores, qual a importância da pesquisa? O porquê a gente está ali, qual é nossa intencionalidade, o nosso objetivo, então é tudo muito emocionante, eu fico emocionada de verdade, então eu queria agradecer mesmo, obrigada!

**Priscila Monteiro:** Eu sou trabalhadora do SUAS na cidade de São Paulo, e uma coisa que me incomodou bastante já na leitura do texto e agora durante a exposição da professora, que me emocionou também, porque vai passando um filminho, é como se fosse um retrato do nosso cotidiano. Em São Paulo ainda temos muito essa questão do diagnóstico encomendado, recentemente a secretaria anunciou a reformulação da tipologia de um serviço, que atende adolescentes em situação de rua, que é o Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescente (SAICA) - Acolhimento Inicial. Foi contratada uma consultoria, o resultado ainda será entregue, e em momento algum as/os trabalhadoras/es que acompanham esse serviço foram chamadas/os, foram ouvidas/os, ou tivemos a presença desta consultoria no território para conhecer a realidade. Isso incomoda bastante, e quando temos um espaço de fala, porque na própria secretaria não temos essa oportunidade, parece que a nossa fala acaba sendo sempre uma denúncia, e eu faço um paralelo com a nossa primeira aula, sobre o Sistema de Garantia de Direitos, que coloca o juiz como gestor das políticas públicas, porque os serviços acabam atendendo só por determinações. É bem sofrido para o/a trabalhador/a, ele acaba se sentindo sozinho, e esse é um dos motivos que me impulsionou a buscar a academia novamente, eu agradeço a oportunidade

**Chico César:** Eu não ia comentar porque estava contemplado com várias das colegas e dos colegas que me antecederam, mas o Daniel me deu essa inspiração para falar, eu me identifiquei bastante, vou procurar o Daniel para conversarmos sobre essa questão da pesquisa, de ser pesquisador, mesmo porque eu estou entrando agora no mestrado e essas dúvidas que ele tinha, essa angústia que ele tinha, eu confesso que ainda tenho, mas vou me fortalecendo.

As colegas falaram sobre a Dirce, que já, inclusive, tiveram ela como orientadora, eu reforço esse sentimento, ainda iniciando como orientando dela, imagina como vai ser quando eu estiver concluindo o meu período, então isso é bastante estimulante.

O que eu quero trazer sobre a fala da Dirce e todas as contribuições que tiveram depois, é que quando eu vim para o mestrado, a questão principal, e acho que vou pegar aqui o Daniel, é que essa pesquisa precisa, primeiro, ter uma identidade com essa população que é alvo do trabalho que você vai fazer, e que essa pesquisa seja, não “da” a periferia, mas seja “com”, com a participação dela, que consigamos fazer essa leitura e tenha essa participação, tenha eles [população que vive no território] como agentes ativos de todo esse processo. Então, a minha angústia era sempre essa: “eu tenho que fazer algo para poder contribuir e ir devolvendo para essa população uma resposta para isso”. Porque é essa questão que o Daniel trouxe, de se sentir o “ratinho”, porque “você vêm, fazem a pesquisa aqui, e depois? O que vai resultar essa pesquisa?”.

Eu acho importante que tenha esse caminho de volta, e acho fundamental que a academia assuma essa responsabilidade de que esse trabalho todo deve ser devolvido, e tem que haver esse resultado, porque isso vai influenciar diretamente na leitura e nas demandas que essa população tem em relação às políticas, que muitas vezes não dialogam e não têm a leitura dessa realidade. Então fica muito distante do que é pensado nessa política pública e o que efetivamente a população anseia, o que a população espera do atendimento. E quem tem o poder de cobrar, para que essa política se aproxime ou dialogue com a realidade, é a própria população. Então, a pesquisa, o/a pesquisador/a, esse resultado do trabalho do/a pesquisador/a, tem que ter essa identidade, essa população tem que receber essa pesquisa de volta e cancelar: “olha, realmente é isso!”, e a partir desse resultado da pesquisa, essa população possa cobrar para que as políticas se aproximem, não fiquem sendo políticas de planilha, mas que possam fazer a diferença e ter um impacto positivo nessa expectativa da população.

#### **PROFESSORA DIRCE KOGA, COM AS PONDERAÇÕES FINAIS:**

**Dirce Koga:** - Aí, nossa, é bom ouvir todo mundo, obrigada a todas e todos, obrigada Maiara e Luiza pelas leituras dos textos.

Vocês trazem questões muito importantes. Vanessa, eu acho que você continua nessa toada, 12 municípios fazendo conferência, acho que uma questão que você traz sobre a

gestão, sobre o Conselho, e agora vocês com essa disciplina sobre território na universidade, eu acho que tem uma questão que enfrenta, que é o próprio Serviço Social, acho que temos que enfrentar isso, acho que o Serviço Social ainda está muito fechado em si, acho que ainda é um diálogo muito endógeno. Talvez por isso temos essa dificuldade de leitura da realidade, dessa dinâmica da realidade. Penso que realmente temos um espaço, ocupamos um espaço de produção do conhecimento muito importante, estamos lutando bravamente para manter uma formação de acordo com esses preceitos, as diretrizes do projeto ético-político, mas quando vamos para o chão, esses vários testemunhos, tanto do Daniel, da Juliana, da Priscila, do Chico, o seu testemunho, eu acho que são questões para vermos como sintomas do que está acontecendo nesse processo de produção de conhecimento do Serviço Social, do quanto, talvez, ainda reproduzimos – e eu sei que há luta contra isso -, processos preconceituosos e processos elitistas na graduação e na pós-graduação.

Isso vai impactar também no cotidiano do trabalho profissional, acho que nós precisamos deslocar os nossos focos, acho que estamos, no serviço social, na política pública, reproduzindo esse distanciamento do trabalho profissional cotidiano e do debate travado na universidade. Eu acho que quem está tensionando e mudando são vocês, porque hoje o perfil é: o trabalhador pesquisador e o pesquisador trabalhador. Vocês estão trazendo novos temas para essa universidade, eu acho que começa daí, são esses novos conhecimentos que não são sobre a realidade, mas a partir da realidade.

É a partir daí que começamos fazer a diferença, a tensionar, e é uma luta, porque a universidade tem os seus dogmas, é mais fácil para nós, como professoras/es, reproduzir os dogmas, porque nós fomos formadas/os nesses dogmas, e acho ótimo vocês estarem muito atentas/os, enquanto pesquisadoras/es, trabalhadoras/es, nos seus cotidianos de trabalho, o quanto isso interfere e faz parte da nossa formação, o quanto precisamos, temos essa responsabilidade, de romper com isso, porque no cotidiano do nosso trabalho profissional, seja na universidade, seja no nosso campo de trabalho, vai acontecer muito isso, de reproduzirmos uma subalternização, isso ainda está muito presente.

A pesquisa, enquanto espaço para podermos construir novos conhecimentos, passa a ser uma ferramenta de luta e resistência, para que esses novos conhecimentos tensionem esses dogmas, seja na universidade, seja no espaço do trabalho profissional, que está recheado desses dogmas, dessas institucionalidades. E essas consultorias encomendadas, parte da culpa é da própria universidade, que está formando consultores, que não têm o pé no chão, e eu estou fazendo uma autocrítica, porque eu trabalho com consultoria, mas estou tentando mudar o nome do trabalho que eu faço.

Primeiro, não faço nada sozinha, sempre com um grupo de trabalhadores e trabalhadoras amigos/as, companheiros/as, porque trabalhamos melhor dividindo o trabalho e o fruto do trabalho; segundo, não chamo mais de consultoria, chamo de “supervisão técnica”, que é o nome técnico. O nome é tão ruim quanto, mas pelo menos somos obrigadas/os a assumir o compromisso de fazer um trabalho de capacitação em serviço, que nos obriga a estar com o pé no chão. Então não é um trabalho, não pode ser uma encomenda, nós aceitamos fazer um diagnóstico, em Santos (SP), por exemplo, mas ficamos, no mínimo, 6 meses, estamos lá há um ano e meio, porque se é a proposta de construir coletivamente, precisa ter tempo para isso, precisa criar vínculo, que é sempre aquela ideia da incompletude - , nós sabemos algumas coisas, mas quem está lá na realidade sabe outras coisas, que são fundamentais para o diagnóstico.

A experiência diz o seguinte: “quem participa do processo usa o produto, quem não participa, o produto é sempre um estranho”. Então, temos essa proposta, é muito mais complicado, não dá para pegar dois, três diagnósticos por ano, dá para pegar um, dois. Nesse tempo em que vimos fazendo esse trabalho aprendemos muito. Nós temos que lutar e resistir contra essas encomendas, contra esses tipos de consultorias, em que é sempre uma pessoa “bam bam bam”, que tem um belo discurso, mas que vai e passa. Eu acho que o que os/as trabalhadores e trabalhadoras estão reivindicando, desde a época do Capacita-SUAS (2011), é que os cursos não resolvem mais, é preciso um trabalho cotidiano, eles falam sempre isso: “as aulas são maravilhosas, mas quando - chegamos no nosso cotidiano, não sabemos o que fazer com a aula maravilhosa... ela é tão maravilhosa que parece que não combina com as condições objetivas que temos”.

Eu queria deixar uma sugestão para vocês, de uma tese que vai ser defendida hoje, mas acho que logo vai ser divulgada, é uma tese de uma assistente social, chamada Paula Nascimento, que vai ser defendida na geografia da Unesp de Presidente Prudente, que também é um programa nota 7, chamado: “Tipologias socioterritoriais para municípios de pequeno porte 1 no estado de São Paulo: uma análise a partir da política pública de assistência social.”<sup>25</sup> Ela está criando uma tipologia para analisar os municípios de pequeno porte 1, muito interessante a tese, a Paula é uma figura, é a trajetória da menina da periferia, a primeira que conseguiu ir à universidade, a primeira doutora, daquelas trajetórias que sabemos, e não é a primeira assistente social nesse curso de Geografia, eu fico muito feliz porque já tem outras assistentes sociais fazendo mestrado ou doutorado nessa área, eu acho que ganha a Geografia, mas ganha muito mais o Serviço Social, com essa abertura e com esse diálogo.

---

<sup>25</sup> Ver em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/234944>. Acesso em 01 jun. 2022.

Obrigada pelo tempo aqui com vocês.

**Eunice Fávero:** Quero chamar a atenção para uma questão que Luiza trouxe e que Dirce também traz: a questão do projeto profissional do Serviço Social, do projeto ético-político. Penso que quando você fala que o Serviço Social acabou ficando por muito tempo num diálogo muito endógeno, penso que foi necessário, até para profissão se rever e se autocriticar, mas é cada vez se faz mais necessário que deixemos essa endogenia, para estarmos no chão concreto.

Eu penso que Dirce, nos seus textos e nos diálogos que apresenta hoje, expressa, de uma maneira muito evidente, o projeto ético-político do Serviço Social, sem precisar ficar trazendo todos os conceitos, isso fica evidente.

Com a palavra, agora, Mayara e Luiza, para fazerem um agradecimento, em nome do NCA-SGD e de todo o grupo que está aqui.

**Mayara Martins:** Queremos agradecer muito a professora Dirce, todo mundo já expressou um pouco o quanto essa manhã foi importante, o quanto foi gostoso estar lhe ouvindo, volte sempre, por favor!

Quero agradecer todas as colegas e os colegas pela companhia e pela partilha, a Luiza Barros, por essa construção, e a Gracielle Feitosa, por nos ajudar com a escolha de uma poesia para lhe homenagear. Ela trouxe algumas propostas e escolhemos essa, que eu acredito que encerra bem, de acordo com tudo o que estamos conversando e com o que você nos trouxe, professora Dirce - vou pedir licença a Manoel de Barros e trazê-lo aqui para finalizar esse nosso encontro, lendo “O apanhador de desperdícios”:

“Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas

Dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim um atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato

de canto.

Porque eu não sou da informática:

eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para compor meus silêncios.”

A professora Dirce é essa grande “apanhadora de desperdícios” e, eu ousar acrescentar, de sonhos, é um presente muito grande tê-la conosco, professora!

**Luiza Barros:** é muito lindo esse poema do Manoel de Barros, ele tem essa característica de dizer para nós, de ser palavra desacostumada, como ele sempre diz, acho que a professora Dirce é isso, acho que é essa essência, é isso que a Eunice trouxe, não é preciso dizer, ela já traz isso na sua fala.

Eu lembrei de uma coisa superimportante: quando eu entrei na PUC em 2001, na graduação, teve uma articulação no programa de pós-graduação, com a participação de grandes pensadores, foi feito no Tucarena<sup>26</sup> acho, não me lembro bem.

Em uma das mesas o professor Otávio Ianni<sup>27</sup>, junto com o professor José Paulo Netto<sup>28</sup>, num auditório lotado, ele começou dizendo: “A atividade intelectual é uma aventura do espírito.” E aquela frase eu gravei para sempre. E quando eu a conheci na graduação, anos depois, quando você foi na sala e trouxe essa dimensão do território, isso marca a experiência da formação profissional, você nunca mais é o mesmo sujeito para olhar a realidade em que você está. E quando também tive a oportunidade, junto com a Vanessa que está aqui - eu estava no mestrado e ela terminando o doutorado -, na disciplina “Produção do Conhecimento” [oferecida pela professora Dirce Koga], aquela energia de quem sai da sala de aula dizendo “hoje eu termino de escrever qualquer coisa!”, porque é a escrita que vem dessa pesquisa de sangue quente que você traz, dessa dimensão outra para além dessa colonialidade do saber, de como se pode olhar para tantas produções, a vida das pessoas, a música, a poesia, a realidade, isso se espelha e aparece aqui hoje. E, não menos importante, a Carolina Maria de Jesus<sup>29</sup>, acho que expressa o que é a vida da mulher negra na periferia, sobre o sofrimento da fome, da miséria, mas que ainda assim alcança um lugar de visibilidade, embora, na sua própria história, quando o seu livro foi ao auge, ela não estava nas mesmas condições. Então, lembrar desse lugar - vou ler só um trequinho dela, de tantos trechos do diário dela -, e que traduz isso, se não conseguirmos perceber, como Carolina trazia essa realidade, acho que nossas pesquisas não têm sentido, e essa é a grande contribuição, não é a única, mas é uma grande contribuição que a professora Dirce traz para nós - entender essa dimensão do cotidiano:

“12 DE AGOSTO ...Troquei-me e fui receber o dinheiro da Vera. O senhor Luiz emprestou-me 3 cruzeiros. Achei 1 no bolso, ficou 4 cruzeiros. Eu queria ir de ônibus, encontrei com um favelado muito bom, pedi 1 cruzeiro emprestado. Ele deu-me 2 cruzeiros. Fui de ônibus. ...Fui na chuva, porque eu não tenho guarda-chuva. Na cidade eu ouvia o povo reclamar contra a falta de feijão. Que os atacadistas estão sonhando o produto ao povo. E os preços atuais? Isto não é mundo para o pobre viver. Quando cheguei no Juizado, o senhor J. A. M. V., o pai da Vera, não levou o dinheiro. O pai da Vera sempre me pede para eu não por o nome dele no

---

<sup>26</sup> Um dos teatros da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ao lado do TUCA.

<sup>27</sup> Sociólogo, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, entre outras, com inúmeras publicações (1926-2004).

<sup>28</sup> Doutor em Serviço Social, professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>29</sup> Escritora brasileira, autora do livro *Quarto de Despejo*, entre outros. Relata nesse livro-diário sua vida de luta, superação e sofrimento - tratava-se de uma mulher, negra e favelada no Brasil do século XX.



jornal. Que ele tem vários empregados e não quer ver o nome propalado. Mas ele não contribui para eu ocultar o seu nome. Ele está bem de vida e dá só 230 cruzeiros para a Vera. Ele só aparece quando eu saio nos jornais. Vem saber quanto eu ganhei.” (JESUS, 2014, p. 188).

Carolina nos conta o que é ser sujeito periférico, que a cidade não lhe diz respeito, que para ir buscar o dinheiro da própria filha é um outro lugar, e o quanto há solidariedade na periferia. Ainda muito a aprender. É isso, professora Dirce, agradecemos muitíssimo, eu, Mayara e todos os colegas do NCA-SGD.

**Dirce Koga:** - Nossa, obrigada, gente, um presente para mim hoje, vários presentes! Super obrigada!

São Paulo, 27 de agosto de 2021.

Encontro realizado por meio da plataforma Teams, devido ao distanciamento social imposto pela pandemia da Covid-19.

Nesse mesmo ano de 2021, dois meses após o encontro no NCA-SGD, em 29 de outubro, a querida professora Dirce Koga partiu deste mundo. Seu legado, no entanto, vive! E continuará nos ensinando a andar com os pés fincados nos territórios de vida!

**Texto consolidado/revisado por:**

Eunice Fávero

Luiza Barros

Mayara Martins

**Referências:**

ARREGUI, Carola C. Dialogando com experiências e leituras socioterritoriais do SUAS. **Mesa 3 no III Seminário Trabalho social com Famílias no SUAS**. Disponível em <https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/Mesa-3-Apresenta%C3%A7%C3%A3o-Carola.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

BARROS, Manoel. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2016.

DAS, Veena. **Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário**. São Paulo: Unifesp, 2020.f

DUARTE, Mel. **Querem nos calar: Poemas para serem lidos em voz alta**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FELTRAN, Gabriel de Santis. A gestão da morte nas periferias de São Paulo: um dispositivo entre governo e crime (1992-2011). In: SOUZA LIMA, Antônio Carlos de; GARCÍA-ACOSTA, Virgínia (Org.). **Margens da Violência: subsídios ao estudo do problema da violência nos contextos mexicano e brasileiro**. Brasília: ABA, 2014, p. 171-209.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre, L&PM, 2019.

HIRATA, Daniel Veloso. **Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida**. 2010. Tese de doutoramento em Sociologia. Orientação Vera Silva Telles, 2010. 367 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**, Paris, Ed anthropos, 1974.

KOGA, Dirce. **Medidas de Cidades: entre territórios de vida e territórios vividos**, Editora Cortez, 2ª edição, 2011

\_\_\_\_\_. Diagnóstico Socioterritorial: entre o chão e a gestão. In: **Cadernos IHU Ideias**. Ano 24. Nº 243, Vol. 14. 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/243cadernosihuideias.pdf> Acesso em: 01 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. Diagnósticos Socioterritoriais: conhecimento de dinâmicas e sentido dos lugares de intervenção. In FÁVERO, E. T.; GOIS, D. A. (orgs.). **Serviço Social e Temas Sociojurídicos:**

debates e experiências. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014. Disponível em: Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0064248046f5f6115b6e3> Acesso em: 12 jun. 2022.

Sabotage, **UM BOM LUGAR**. Letra de música, disponível em: <https://g.co/kgs/M6BrMB>. Acesso em 06 jun. 2022.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003.

SPOSATI, A. KOGA, D. **São Paulo** - Sentidos Territoriais e Políticas Sociais. São Paulo: Editora Senac, 2013.

Telles, Vera da Silva e Hirata, Daniel Veloso. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. **Estudos Avançados** [online]. 2007, v. 21, n. 61, pp. 173-191. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142007000300012>. Acesso em: 01 jun. 2022.



**Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Crianças e Adolescentes:**

**Ênfase no Sistema de Garantia de Direitos**

**NCA-SGD | PEPGSS-PUCSP**

## Sobre o NCA-SGD



### NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: ÊNFASE NO SISTEMA DE GARANTIA DE DIREITOS

A política para crianças, adolescentes e jovens tem sido palco de contínuos e intensos confrontos de concepções e de práticas, especialmente em torno da doutrina de proteção integral preconizada no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Apesar dos avanços alcançados após a sua promulgação, são recorrentes e cada vez mais acentuados os movimentos com vistas a alterações e retrocessos na legislação e na política social da área em desacordo com os princípios estabelecidos na Constituição Federal e no ECA. Na perspectiva da intransigente defesa dos direitos das crianças, do/as adolescentes, do/as jovens e de suas famílias, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Crianças e Adolescentes se ocupa da investigação em torno das questões da área, privilegiando o Sistema de Garantia de Direitos, de modo a subsidiar as reflexões e as intervenções profissionais nos vários âmbitos do poder público e da sociedade civil.

**Coordenação:** Profa. Dra. Eunice T. Fávero

**E-mail:** [nucleoca2018@gmail.com](mailto:nucleoca2018@gmail.com)

**Site:** <https://www.pucsp.br/nca-sgd>

**YouTube:** <https://www.youtube.com/c/ncasgdpuccsp>

**Endereço:** Rua Monte Alegre, 984 – 4º andar/PEPGSS. Perdizes, São Paulo - SP, CEP 05014-901

